

'Sorriso' atendeu 158 crianças

Objetivo maior da ONG americana é sensibilizar autoridades para a criação de infra-estrutura

SIMONE BIEHLER MATEOS

Cícero Silva, de 13 anos, foi uma das 158 crianças operadas na semana passada em Fortaleza, na segunda visita à cidade da Operação Sorriso, organização não-governamental (ONG) norte-americana, que há 15 anos viaja pelo mundo corrigindo deformações faciais em pessoas carentes. As cirurgias, porém, não foram o único saldo da visita da ONG.

“O objetivo maior da Operação Sorriso é sensibilizar a população e as autoridades para que se crie infra-estrutura local para atender permanentemente esses casos”, explica João José Carvalho, coordenador da Operação Sorriso em Fortaleza e cirurgião plástico do Hospital Albert Sabin, que sediou o trabalho da ONG.

O hospital realiza há anos essas cirurgias, mas em número (cerca de 50 por semana, a cargo de apenas dois médicos) muito inferior à demanda, o que produz listas de espera de mais de um ano. Além disso, operar não é tudo. Segundo Carvalho, graças à visita da ONG, o hospital acordou para a necessidade de criar um serviço de ortodontia, essencial para o tratamento completo da deformidade facial mais comum: lábio leporino. Essa malformação da boca, que segundo estimativas afeta um de cada 650 nascidos, faz com que o recém-nascido apresente o lábio e, às vezes, o céu da boca e a arcada dentária, partidos.



Francisca Amorim, feliz, mostra sua filha Elizângela, depois da cirurgia

A Operação Sorriso serviu também para evidenciar a demanda reprimida, ou seja, o grande número de pessoas que, sobretudo na área rural, não procuram o hospital porque nem sabem onde buscar tratamento. Foi o caso de Cícero, que várias vezes abandonou a escola para não ouvir os comentários jocosos dos colegas. A família de Cícero ficou sabendo da operação com a repercussão da primeira visita da Operação Sorriso.

“Quando a doutora do postinho de saúde falou que vinha esse pessoal de fora operar a gente daqui, Cícero não sossegou até a gente vir”, conta a mãe Maria de Lourdes Rufino. A família, que mora isolada na roça a 11 horas de viagem de Fortaleza, foi chamada pa-

ra inscrever-se por meio de um programa de rádio: “Bendita a doutora que mandou nos chamar pelo rádio”, diz Lourdes.

Com isso, o número de candidatos à operação subiu de 435, no ano passado, para mais de 600 este ano. Entre os selecionados estava a pequena Elizângela

Oliveira, de 9 meses, Antoniageane, de 2 anos, e Juliana de Moura, de 2 anos. Operadas mais precocemente que Cícero, as três meninas, provavelmente, jamais vão enfrentar a discriminação que ele sofreu

na escola. “Era o que eu mais queria na vida, ver minha filha normal como as outras”, emocionou-se a mãe de Elizângela, vendo a filha dar um sorriso amplo apesar dos pontos recentes.

CEARÁ NÃO
TEM CONDIÇÃO
DE ATENDER
DEMANDA